

INFORMAÇÃO 24

Boletim Informativo da Associação dos Produtores
Florestais do Concelho de Coruche e Limitrofes



AVANÇOS NO CONHECIMENTO
NA FILEIRA DO PINHEIRO MANSO

PÁGS. 6 e 7

PÁGS. 8 e 9

PLANO OPERACIONAL
DE PREVENÇÃO 2014

AMOSTRAS DA QUALIDADE
DA CORTIÇA NO MATO

PÁGS. 10 a 11



ASSOCIAÇÃO DOS
PRODUTORES FLORESTAIS
DO CONCELHO DE CORUCHE
E LIMITROFES

ONDE ESTAMOS E PARA ONDE QUEREMOS IR...



Rita Tavares Bonacho

Atualmente estamos a viver bons momentos no setor da cortiça. Assistimos hoje a um mercado mais “vivo”, caracterizado por uma procura mais diversificada por parte da indústria, e uma antecipação grande à típica época de comercialização da cortiça.

Com preços de transação a subir desde 2012, atingindo este ano valores que já não se registavam desde 2008, o mercado está a mudar e a Produção tem que acompanhar esta mesma mudança.

A Produção está hoje consideravelmente mais organizada, e conhecedora do seu produto, mais pragmática e objetiva nas formas de negociação, garantindo a venda antes da extração, evitando o stock em campo e procurando valorizar a qualidade, visando calibre, ponderando muitas vezes o adiar por um ano a extração de cortiça.

Há cerca de uma década atrás, a indústria corticeira enfrentava o gigante incontornável da indústria de vedantes sintéticos e alumínio, as exportações desciam, e o reflexo no cenário na produção foi catastrófico!

No entanto, a indústria reagiu em força, investindo em massa em I&D, criou novos produtos, identificou os problemas e encontrou soluções, colocando-se de novo no “top of the list” da indústria de vedantes naturais, dominando no presente, 70% do mercado mundial de vedantes.

Na produção, os estudos indicam, que não podemos produzir abaixo das 80€/ha, e que a única via viável é a de uma gestão sustentável e interventiva, por forma de garantir novas classes de regeneração.

Com custos de manutenção médios acima do 20€/@, o desafio na gestão da rentabilidade das explorações florestais é sem dúvida uma tarefa para um “grande gestor”, e, por vezes, uma missão impossível!

O tempo urge, e os problemas recorrentes, que há muito se encontram identificados, carecem de investigação urgente, e, consequentemente, de investimento.

Só com recurso a medidas estruturais comuns e simultâneas, com um cruzamento de sinergias entre os produtores e a APFC, e também entre os produtores, poderemos, com sucesso, encontrar soluções e controlar os problemas.

De acordo com a nova estratégia “Europa 2020”, nomeadamente no âmbito dos objetivos gerais da Política Agrícola Comum, seguramente que novas oportunidades vão surgir, sendo, para o sucesso do nosso setor, impreterível o posicionamento e a boa organização da fileira da Produção.

Todos sabemos onde queremos chegar,.... montados mais produtivos, cortiça mais valorizada,....

Será que este crescimento que almejamos não está dependente de uma planificação conjunta e de um esforço integrado e globalizante, admitindo definitivamente e sem tabus, que os nossos problemas são exatamente os mesmos que os de todos os restantes produtores florestais?!!

Valia a pena pensarmos nisto, para não perdermos as oportunidades que este QCA nos concede!!

Rita Tavares Bonacho

NESTA EDIÇÃO

03 Notícias breves	05 Divulgação	08 POP 2014	14 A silvicultura mais próxima da natureza
04 Zonas de intervenção florestal	06 Avanços no conhecimento na fileira do pinheiro manso	10 Amostras da qualidade da cortiça no mato	16 Preços de produtos florestais

NOTÍCIAS BREVES COLOCAÇÃO DAS PLACAS INFORMATIVAS



Com o objetivo de divulgar a existência das ZIF, e de sensibilizar os proprietários florestais e a população em geral para as questões da Defesa da Floresta Contra Incêndios e Contra Pragas e Doenças, a APFC colocou 6 placas informativas em pontos de passagem da ZIF n.º 54 - Charneca da Calha do Grou e da ZIF n.º 88 - Ribeiras da Lamarosa e Magos. Estas placas foram financiadas a 100% pelo Fundo Florestal Permanente, através do programa: Planeamento, Gestão e Intervenção Florestal, Projecto n.º 2009.09.003618.8

AGROGLOBAL

No dia 11 de Setembro de 2014 no auditório da AGROGLOBAL – Feira das Grandes Culturas, houve uma conferência promovida pelo Expresso que debateu os sectores produtivos para uma agricultura com futuro. Os seis sectores produtivos escolhidos para o debate foram os cereais, o vinho, o azeite, as hortofrutícolas, o leite e a floresta. Crescer foi a palavra de ordem, num sector que pode ser capaz de salvar a economia portuguesa. No que se refere à floresta que ocupa 30% do território português, o regadio pode ser uma solução para expandir este sector, através do aproveitamento dos regadios abandonados. Começam a surgir os primeiros ensaios de montado e eucalipto regado.

Falta floresta a Portugal, mas há também que renovar aquela que existe, precisamos de mais 3 milhões de arbores de cortiça e de 2 milhões de metros cúbicos de madeira, isto implica uma atitude no curto prazo.

Em relação aos cereais há que tornar as empresas mais eficientes e conseguir a concentração da oferta, para se poder concorrer com os grandes grupos. No sector do azeite temos de mecanizar e regar, nos últimos 20 anos triplicou-se a produção nacional de azeite, através da instalação de muitos pequenos produtores, no entanto os custos de produção são superiores aos de vários concorrentes. O leite tem uma missão difícil, no entanto com o fim das quotas do leite em 2015, o rumo será exportar pois o mercado fica liberalizado. As hortofrutícolas é um sector muito complexo e sensível quer pelo imprevisível das intempéries como pelo curto período de vida dos produtos, a criação de uma marca própria é vital para deixar de estar dependente da distribuição, há que crescer para os mercados exteriores. Por fim o vinho, um sector onde Portugal é diferente devido à riqueza de património de castas, temos escala para crescer e para exportar. Uvas e vinho é o que não falta.

CAROCHO NEGRO E SOBREIRO

(*CAPNODIS TENEBRIONIS E QUERCUS SUBER*)

O carochinho negro é um insecto específico das fruteiras com uma ocorrência importante nos cerejais da Beira Interior. Alimenta-se dos gomos e pecíolos das folhas causando assim um efeito desfolhador que diminui o vigor e compromete a produção. Conhecido vulgarmente como carochinho negro, este coleóptero da família Buprestidae que ataca fruteiras de carochinho (damasqueiro, pessegueiro, ameixeira, cerejeira). A espécie no seu estado adulto atinge 27mm e demora 2 anos a completar o seu ciclo de vida. No caso das fruteiras aconselha-se a rega a fim de aumentar o vigor das árvores, podendo igualmente proceder-se à captura manual de adultos no outono. As árvores muito atacadas deverão ser arrancadas, retiradas do local e queimadas. Foram identificados, numa propriedade associada, inúmeros exemplares desta espécie causadora de alguma desfolha em sobreiros jovens e adultos. Apesar da sua presença causar alguma debilidade das árvores atacadas esta deve-se à proximidade a pomares de pêssego. Confirma-se assim que não se trata duma praga que ataca esta espécie florestal mas sim um caso pontual.

DISPONIBILIZAÇÃO DOS PLANOS ORIENTADORES DAS ZIF NO SITE DA APFC

A APFC disponibiliza desde Setembro na sua página da internet, os Planos de Gestão Florestal e Planos Específicos de Intervenção Florestal das ZIF, que se encontram concluídos e aprovados até à data.

A obrigatoriedade da disponibilização de tais planos prende-se com a necessidade de dar a conhecer aos proprietários florestais abrangidos pela área da ZIF, as operações silvícolas mínimas e outras ações previstas com implicação para os proprietários que ainda não sejam aderentes da ZIF.

Relembramos que os produtores florestais abrangidos e aderentes das ZIF se encontram dispensados de elaboração de plano de gestão florestal próprio, sendo ainda o PGF da ZIF suficiente para a apresentação de candidaturas ao quadro comunitário de apoio. Consulte os documentos através do portal da internet em www.apfc.pt \ Áreas de trabalho \ ZIF – Zonas de intervenção Florestal.

VAI ARBORIZAR OU REARBORIZAR?

Segundo o decreto-lei 96/2013 de 19 de Julho, as áreas até 2 hectares que não tenham sido percorridas por incêndios nos últimos 10 anos, que não estejam inseridas em áreas do sistema nacional de áreas classificadas, que não correspondam a alteração da espécie florestal dominante existente, bem como áreas com plano de gestão florestal aprovado estão sujeitas a comunicação prévia ao ICNF, com uma antecedência mínima de 20 dias.

Todas as arborizações ou rearborizações em áreas superiores a 2 hectares, áreas percorridas por incêndios florestais ou inseridas no sistema nacional de áreas classificadas, carecem de autorização prévia por parte do ICNF.

Ficam dispensados de autorização ou comunicação prévia todas as ações de arborização e rearborização integradas em projectos florestais aprovados no âmbito de programas de apoio financeiro com fundos públicos ou da união europeia, excepto se integrados em áreas do Sistema Nacional de áreas Classificadas. A autorização tem validade de dois anos a contar da data de notificação ao requerente ou da data em que se considere tacitamente deferido, já as ações objecto de comunicação prévia devem ser executadas no prazo de dois anos a contar da sua apresentação. De acordo com o disposto na legislação as infrações constituem contra-ordenação com coima que varia entre os 1.000€ e os 3.740,98€ (pessoa individual) e os 37.409,8€ (pessoa colectiva).

ZONAS DE INTERVENÇÃO FLORESTAL

Em 2009 foram criadas as primeiras Zonas de Intervenção Florestal (ZIF) geridas pela APFC, as quais abrangem a totalidade do concelho de Coruche e parte dos concelhos limítrofes.

Passada uma primeira fase de elaboração dos instrumentos de gestão das ZIF (Plano Específico de Intervenção Florestal e Planos de Gestão Florestal), a partir de 2013 iniciou-se o desenvolvimento de projectos conjuntos de Defesa da Floresta Contra Incêndios e de Defesa da Floresta contra Agentes Bióticos, ou seja as pragas e doenças florestais.

Dos três projectos elaborados ao PRODER para abertura das Faixas Estratégicas de Gestão de Combustíveis (FEGC) para as ZIF localizadas a norte do Rio Sorraia, foram já aprovadas as candidaturas para a ZIF da Charneca da Calha do Grou (CCG) e para a ZIF das Ribeiras da Lamarosa e Magos (Ribeiras).

ZIF	OBJECTIVO	ÁREA ABRANGIDA	PRODUTORES ABRANGIDOS	ORÇAMENTO PROJECTADO	ORÇAMENTO APROVADO	TAXA DE COMPARTICIPAÇÃO
CCG	Abertura FEGC	1 209 ha	110	215 118,61 €	170 991,44 €	90%
RIBEIRAS	Abertura FEGC	1 469 ha	148	197 791,32 €	189 059,74 €	90%

Nestes projectos as principais operações florestais previstas foram adaptadas às florestas existentes e ao maior ou menor risco de propagação de incêndios florestais. A tabela ao lado apresenta a distribuição percentual das verbas pelas diferentes operações.

OPERAÇÕES PREVISTAS	ZIF CHARNECA DA CALHA DO GROU	ZIF DAS RIBEIRAS DA LAMAROSA E MAGOS
CONTROLO DA VEGETAÇÃO ESPONTÂNEA	56%	68%
REDUÇÃO DE DENSIDADES	37%	29%
PODAS E DESRAMAÇÕES	4%	-
RECHEGA E DESTRUÇÃO DE SOBANTES	3%	3%

Os trabalhos de abertura das FEGC irão iniciar-se já em 2015, conforme editais já divulgados na APFC e espalhados em diversos locais nas ZIF. Em Novembro de 2014 elaborámos 5 candidaturas para intervenção nas ZIF em termos de protecção contra agentes bióticos, dedicadas ao Controlo do Nemátodo da Madeira do Pinheiro e à Recuperação de Montados de Sobro.

O controlo do nemátodo da madeira do pinheiro incluirá acções de prospeção, abate e destruição de sobantes de pinheiros com sintomas, à semelhança do que tem sido realizado pela APFC em anos anteriores para os seus associados, mas agora com uma perspectiva territorial mais alargada, sendo abrangida a totalidade da área das ZIF, o que potenciará as medidas tomadas para controlo desta doença.

Relativamente ao montado de sobro, a candidatura incide sobre os seguintes agentes patogénicos: plátipo (*Platypus cylindrus*), Phytophthora sp. e outros fungos que atacam o sobreiro.

No plátipo o maior risco de ataque deste insecto ocorre nos dois anos após o descortçamento. Sendo capaz de perfurar a cortiça e construir as galerias, os ataques destes insectos incidem em árvores debilitadas ou em stress, e constitui um factor de risco acrescido para os montados. Foi detectada a presença deste agente biótico em diversas propriedades aquando da realização de inventários florestais, com repercussões significativas sobre a vitalidade do montado. No sentido de diminuir o efectivo populacional de plátipo nas ZIF, e considerando que esta praga é atraída pelas zonas ardidas e pelas áreas recém descortçadas, prevê-se a colocação de armadilhas Wita trap bark beetle, também designadas por Slot trap (intensidade média de dispersão de 1 armadilha/300 m com

MEDIDA PRODER	ZIF	ORÇAMENTO PROJECTADO	TAXA DE COMPARTICIPAÇÃO
PROTECÇÃO CONTRA AGENTES BIÓTICOS	ERRA	49 682,43 €	100%
	CHARNECA DA CALHA DO GROU	64 556,66 €	100%
	DIVOR	150 910,94 €	100%
	RIBEIRAS	95 792,88 €	100%
	BAIXO SORRAIA	194 982,59 €	100%

Daremos informação a todos os associados aquando da aprovação destas candidaturas, mas informamos desde já que as despesas são elegíveis desde o dia 14/11/2014, data em que foram submetidas as candidaturas. Se estiver a pensar instalar armadilhas para captura

de plátipo na sua propriedade, contacte a APFC que poderá verificar o enquadramento no projecto submetido, ajudá-lo no planeamento da localização das armadilhas e na sua monitorização. css



ACÇÕES DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO

PARTICIPAMOS NOS SEGUINTE WORKSHOPS

- Avanços no conhecimento na Fileira do Pinheiro Manso
- Gestão de habitats ripícolas e fenómenos erosivos
- SuberVin - Transferência de tecnologia e melhoria da competitividade da fileira da cortiça
- Fire Control in Western Australia (Owen Donovan - forester)
- LTsER Montado
- ISA - Junior Research Meeting

ORGANIZAMOS OS SEGUINTE CURSOS

- Curso de Podas e Desbastes
- Curso de Enxertia do Pinheiro Manso

RECEBEMOS NAS SEGUINTE VISITAS

- ISA - Alunos de Engenharia Florestal
- Peter Savill (University of Oxford)

PARTICIPAMOS NAS SEGUINTE SESSÕES

- Regime forfetário do IVA para produtores agrícolas e outras alterações do Orçamento do Estado 2015, reforma do IRS e da Fiscalidade Verde com impacto na agricultura
- Plano de Operações Distrital do Dispositivo Especial de Combate a Incêndios Florestais 2015 (DECIF)
- Plano de Gestão Estratégica de Combustíveis das zonas de intervenção florestal da ACHAR

FOMOS ORADORES

- II Congresso Ibérico da Defesa e do Montado

PARTICIPAMOS NAS SEGUINTE REUNIÕES

- Reuniões da iniciativa nacional FSC - princípios 5, 6, 7 e 8

ORGANIZAÇÃO

UNAC
ALTRI e Quercus
AFLOSOR
CEABN
CE3C - Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais
CEF

Cincork e APFC
APFC

APFC e ISA
Projecto Pinea (www.pinuspine.com)

CAP e OTOC (Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas)

Comando Distrital de Operações de Socorro de Santarém

ACHAR

Cycitex

Iniciativa Nacional FSC

AVANÇOS NO CONHECIMENTO NA FILEIRA DO PINHEIRO MANSO

No passado dia 6 de Março, decorreu em Alcácer do Sal, organizado pela UNAC o seminário dedicado ao estado da arte do conhecimento relativamente à fileira do pinheiro manso, reunindo vários investigadores e entidades com trabalhos desenvolvidos nesta matéria. Esta sessão visou a divulgação dos trabalhos científicos, mostrando a sua potencial aplicação no ciclo produtivo do pinheiro manso.

Entre a plateia estavam produtores florestais, investigadores, representantes do sector público e industriais da fileira do pinhão. Abaixo resumimos os principais conteúdos das apresentações realizadas, sendo que todas as apresentações se encontram disponíveis no site da UNAC (www.unac.pt).

A SECA DA PINHA: PERDA SEVERA DE PRODUÇÃO DE PINHA E PINHÃO NO MEDITERRÂNEO

DR. SVEN MUTKE/ DR. RAFAEL CALAMA
INIA-CIFOR CENTRO DE INVESTIGACIÓN FORESTAL

A produção de pinha sempre se caracterizou por uma elevada irregularidade tanto no tempo como espaço. Constata-se em muitas situações actuais que está a ocorrer o aborto massivo das pinhas imaturas, e que existem sementes vazias ou danificadas no caso das pinhas maduras.

O *Leptoglossus occidentalis* é apenas uma das pragas que afectam a produção de pinhão, sendo originário da América do Norte, onde ataca muitos tipos de coníferas, não sendo possível relacionar directamente o aborto da pinha com este insecto, porque os sintomas são os mesmos que ocorrem quando as pinhas secam naturalmente (por exemplo por não existir polinização). Só análises de DNA à presença da saliva do insecto nas pinhas é que permitem confirmar se houve ou não influência do *L. occidentalis*.

Nos EUA tentam desde há duas décadas para cá procurar soluções para combater esta praga, sem sucesso até à data, pelo que provavelmente não existirá uma solução generalizada de aplicação no curto prazo. A existir, esta solução será essencialmente dedicada às áreas de plantações, porque serão sempre métodos intensivos - nomeadamente pela elevada capacidade dispersora do *Leptoglossus* - e de difícil aplicação ao nível da totalidade do pinhal.

Já no caso da lagarta da pinha (*Dioryctria mendacella*) estão praticamente em fase de comercialização armadilhas e feromonas para controlo de populações, dado que esta praga tem particular expressão nos pinhais manso da região de Castela.

RELATÓRIO PRELIMINAR: RENDIMENTO DO PINHÃO EM PINHAS DE PINUS PINEA 2013-2014. PORTUGAL.

DR. RAFAEL CALAMA
INIA-CIFOR CENTRO DE INVESTIGACIÓN FORESTAL

Nesta apresentação foram destacados os resultados de monitorização de pinhas de 10 propriedades, incluídas na região V de proveniência do pinheiro manso, quanto ao rendimento em miolo de pinhão. A amostragem foi realizada na campanha de 2013/14 e envolveu a abertura de 100 pinhas (10 pinhas/ propriedade). O protocolo de abertura das pinhas foi o seguinte:

- Pesagem das pinhas em verde
- Secagem em estufa a 40-45°C até abertura das pinhas (1 semana)
- Pesagens das pinhas depois de secas
- Quantificação da humidade das pinhas
- Pesagem e contagem dos pinhões com casca
- Pesagem e contagem dos pinhões sem casca (miolo de pinhão)

De referir que apenas foram contabilizados no rendimento em pinhão com casca, os pinhões aparentemente normais, sendo excluídos os pinhões chochos, deformados ou de reduzido tamanho.

Da totalidade de pinhões normais obtidos em cada propriedade foi retirada uma subamostra aleatória de 50 pinhões para cálculo do rendimento em miolo de pinhão. Também aqui foram contabilizados e pesados os pinhões em bom estado, e separados dos pinhões vazios, dos pinhões que tinham apenas a película no interior da casca, e dos pinhões com danos.

Os resultados obtidos para estas propriedades na campanha 2013/14 referem um rendimento médio em miolo de pinhão (calculado sobre o peso inicial da pinha verde) de 3.62%, com um máximo de 4.69% e um mínimo de 2.62%.

Os lotes com rendimento final inferior a 3% são os que apresentavam uma percentagem de pinhões chochos superior a 24%. Nos pinhões encontrados com danos, a tipologia mais frequente foram os pinhões vazios e com presença residual da película dessecada (53%).

PINHEIRO MANSO: INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO NO INIAV

DR.ª ISABEL CARRASQUINHO
INIAV - INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO AGRÁRIA E VETERINÁRIA

Foi apresentado todo o trabalho desenvolvido pelo INIAV relacionado com o pinheiro manso, e organizado pelos diferentes domínios da investigação. Em alguns dos temas apresentados a informação encontra-se disponível on-line:

- Manual ilustrado de enxertia do pinheiro manso
- Condução de povoamentos de pinheiro manso e características nutricionais do pinhão

Para cada área de investigação foram apresentados os resultados existentes e os investigadores responsáveis.

De salientar os projectos para avaliação da melhor época de colheita da pinha, em função das características do pinhão e os ensaios de melhoramento com vista ao aumento da performance dos povoamentos em termos da produção de pinha e de pinhão.

DR. LUÍS FONTES
CEF - CENTRO DE ESTUDOS FLORESTAIS/INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA

A apresentação incidiu essencialmente sobre o projecto PINEA (www.pinuspinea.com) e os resultados preliminares existentes tanto ao nível da alocação de carbono, como da fertirrigação e modelação. Foram apresentadas as metodologias implementadas e as parcelas de ensaio localizadas nos concelhos da Chamusca, Coruche, Montijo e Alcácer do Sal. O projecto tem a duração de 2 anos, pelo que só em 2016 são expectáveis resultados adicionais, com o constrangimento deste prazo ser sempre curto para uma espécie que tem ciclos de produção de pinha que duram 3 anos.



INVESTIGAÇÃO EM PINHEIRO MANSO: DA SILVICULTURA À COLHEITA DE PINHAS

DR.ª CRISTINA GONÇALVES
ICCAM - INSTITUTO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS MEDITERRÂNICAS / UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Para além das áreas de investigação actualmente em desenvolvimento na Universidade de Évora relacionadas com o pinheiro manso, foram apresentados os modelos silvícolas aplicáveis a povoamentos puros e mistos de pinheiro manso, os resultados do projecto de comparação da apanha mecânica com a apanha manual de pinha e mais recentemente um projecto para estimativa da biomassa aérea em função da imagem de satélite da projecção da copa do pinheiro manso.

O cruzamento da informação existente sobre os modelos silvícolas e as técnicas de apanha disponíveis, deixam no gestor florestal a decisão de produzir mais pinha por árvore, tendo necessidade de favorecer povoamentos com menor densidade e maiores espaçamentos entre árvores, ou mais pinha por hectare, com maiores densidades mas menores produções por árvore.

CONCLUSÕES DO SEMINÁRIO:

Não existem métodos de controlo químico ou biológico para o *Leptoglossus occidentalis*;

Os danos identificados nas amostras de pinhão analisadas podem ser compatíveis com os danos citados na bibliografia para o *Leptoglossus occidentalis*, assim como danos por fungos e outros agentes abióticos;

O peso médio da pinha verde não tem relação com o número de pinhões, nem com os rendimentos em miolo de pinhão ou com o n.º de pinhões chochos;

Há argumentos a favor e contra a tese da perda de rendimento associada principalmente a factores bióticos, ou seja pragas:

A existência de danos de diferentes tipologias no interior da pinha, apoia a existência de pragas, dado que um efeito climático seria mais homogéneo nos danos encontrados;

A reduzida visibilidade do insecto e a recuperação dos níveis de produção (quantidade de pinha) em Portugal e em algumas zonas de Espanha, contrariam a ideia deste ser o principal agente causal.

O abrandamento do crescimento dos ramos, em comprimento e em diâmetro, em Maio, pelo que as fertilizações devem ocorrer antes deste mês, sob pena de não serem totalmente eficazes;

O crescimento das agulhas inicia-se em Maio;

O desenvolvimento da pinha interrompe-se a partir de Junho (é crescente entre Abril e Junho e depois pára pelo menos até Dezembro), pelo que se a adubação tiver efeito sobre o crescimento da pinha, também terá de ser realizada antes deste mês;

A eficiência de destaque da pinha no caso da colheita mecânica é de

86%, com danos negligenciáveis em termos de quebra de raminhos e/ ou pinhas imaturas;

Para distâncias pequenas as árvores tendem a ter diâmetros de copa inferiores à média do povoamento;

Árvores com diâmetros de copa semelhantes tendem a ter espaçamento aproximadamente regular e superior a 10m;

A produção de pinha é fortemente influenciada pelo espaçamento entre árvores, com redução da produção por árvore a distâncias curtas e aumento a maiores distâncias.

POP 2014

BALANÇO PLANO OPERACIONAL DE PREVENÇÃO

UMA CAMPANHA ESPECIAL

Levada a cabo mais uma campanha de prevenção de fogos da APFC, fazemos agora o rescaldo das ocorrências, áreas afectadas e uma análise temporal comparativa, resultado duma década de POP.

Com início a 23 de Junho, terminou oficialmente a 30 de Setembro de 2014, mantendo-se as equipas de prevenção ainda que fora dos respectivos LEE dadas as condições meteorológicas que se fizeram sentir a partir de meados de Setembro.

A área de abrangência da prevenção não sofreu alteração nos últimos anos embora a massa associada incidente tenha aumentado. A área de prevenção engloba um total de 173.380 hectares subdivididos por sete zonas distintas (ver mapa) dos quais 56% corresponde a área associada. A cada zona corresponde pelo menos 1 equipa de intervenção (EPI), no total existem 5 equipas subdivididas em 2 turnos diários. Dos 15 elementos que constituem as equipas de prevenção 5 deles fazem parte da equipa de sapadores da APFC, contando com os 10 restantes recursos contratados durante o período crítico. Toda a equipa participou numa acção de formação que decorreu entre os dias 16 e 20 de Junho da responsabilidade da GIFF – Gestão Integrada de Fogos Florestais S.A. Estacionamento diário de todas as viaturas nos LEE (Locais Estratégicos de Estacionamento), das 14h30 às 17h00, excepto a equipa de Sapadores Florestais que nos dias de alerta amarelo, laranja ou vermelho esteve estacionada nos LEE das 11h30 às 19h00.

Disponibilidade de um rádio de banda alta e respectivos acessórios. Este dispositivo possibilita, em caso de incêndio, o contacto directo com o Comando das Operações de Socorro (COS), entidade responsável pela coordenação de todos os meios disponíveis de forma a garantir uma resposta mais eficaz.

Outras informações: localização através de GPS das coordenadas onde se verifica a ocorrência.

No início da campanha foi enviado um inquérito aos associados relativo aos meios (máquinas e kit de primeira intervenção) disponíveis em cada propriedade bem como outros contactos importantes. Essa informação foi processada internamente num sistema de informação geográfica para consulta interna rápida em caso de ocorrência, o que permite a visualização espacial dos meios disponíveis no terreno.

Diariamente foi enviado o risco de incêndio aos associados via mail e sms.

UM ANO ESPECIAL

O Verão de 2014 foi especialmente ameno o que é espelhado pela diminuição do número de ocorrências e área ardida. No entanto quando sistematizamos o risco de incêndio diário em função das ocorrências verificamos a relação entre um maior número de dias consecutivos de risco mais elevado e as ocorrências, concentradas na segunda quinzena de agosto. (ver gráfico 1) TMA e MRT

QUADRO 1 RESUMO DADOS DISPONÍVEIS DE 2004 A 2014

ANO	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Nº OCORRÊNCIAS	54	40	35	29	23	47	57	28	25	23	22
Nº INTERVENÇÕES	82	55	42	47	28	53	68	61	52	30	30
ÁREA ARDIDA	508	190	186	108	25	23.36	54.8	50.06	218.8	184.42	63.64
ZONA POP COM MAIOR Nº DE OCORRÊNCIAS	4	4	2	4	4	4	4	4	4	7	7
ZONA POP COM MAIOR ÁREA ARDIDA	2	2	4	4	4	4	5	5	2	3	7
HA	207,8	70,22	37,14	56,94	11,32	11,6	33,34	23,69	71,77	165,94	59,06
% DETECÇÃO PELAS EQUIPAS	70	52	43	34	61	13	35	21	30	35	33

GRÁFICO 1
RISCO DE INCÊNDIO DIÁRIO PARA O CONCELHO DE CORUCHE E DATA DE OCORRÊNCIA

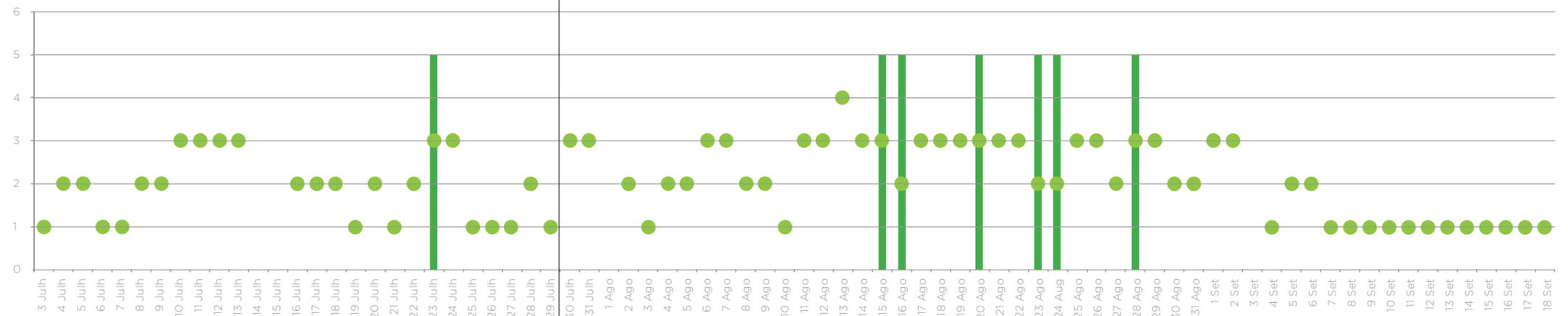


FIGURA 1
DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL PELA ÁREA DE PREVENÇÃO (POP) POR CLASSE DE ÁREA ARDIDA

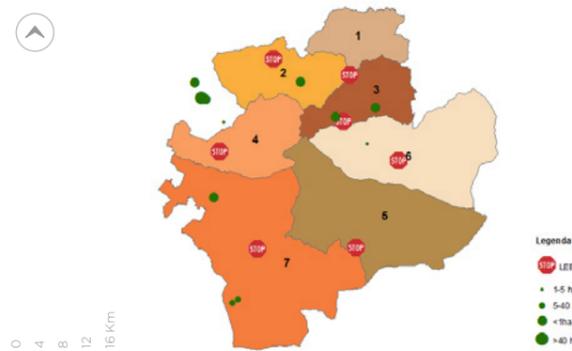


FIGURA 2
DISTRIBUIÇÃO DE ÁREA ARDIDA POR ZONA POP

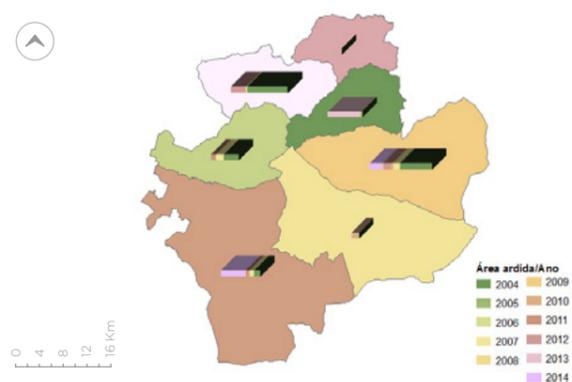


GRÁFICO 2
DISTRIBUIÇÃO POR ZONA POP DE ÁREA ARDIDA

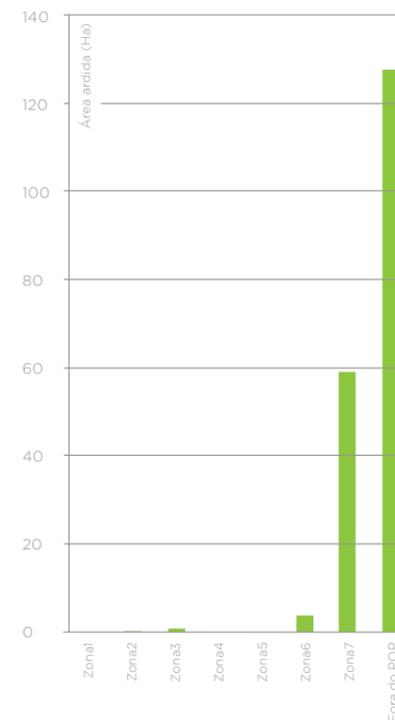


GRÁFICO 3
DISTRIBUIÇÃO POR TIPO DE INTERVENÇÃO POR PARTE DAS EPI

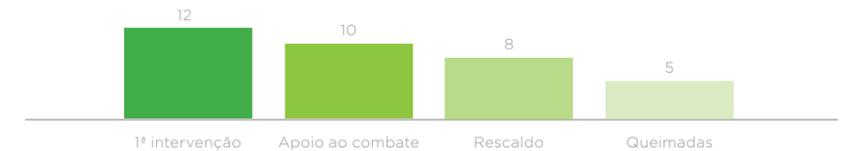


GRÁFICO 4
NÚMERO DE OCORRÊNCIAS POR ZONA POP

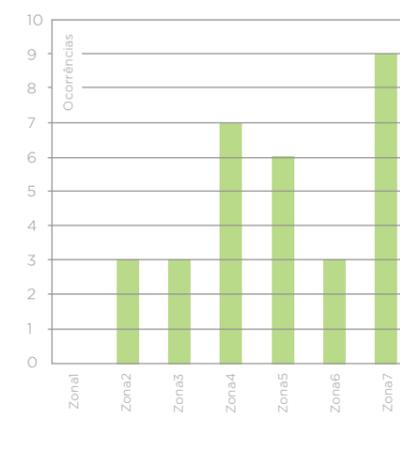


GRÁFICO 5
NÚMERO DE DETECÇÕES POR TIPOLOGIA DE EQUIPA

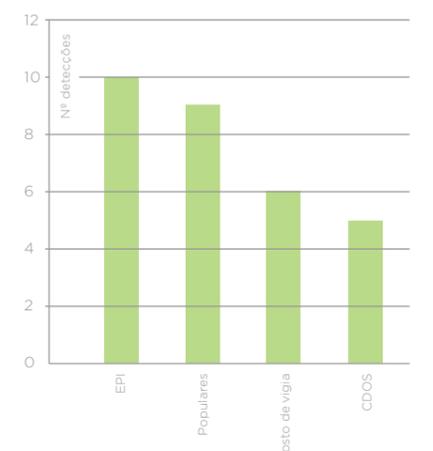
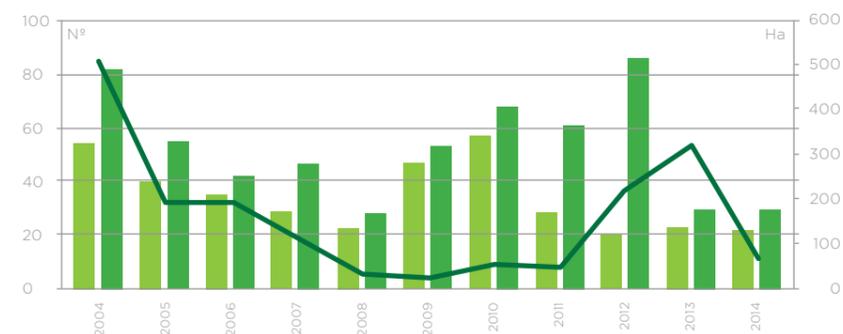


GRÁFICO 6
BALANÇO PLANO OPERACIONAL PREVENÇÃO DE 2004 A 2014



Os dados representados graficamente espelham: Área ardida de maior dimensão fora do POP e fora do Concelho (zona 7) As equipas de sapadores (EPI) foram responsáveis pela maior parte das deteções, logo seguidas das populações locais.

O Plano Operacional de Prevenção está implementado desde 2004 pelo que aqui fazemos uma breve retrospectiva desta última década com base nos dados disponíveis.

AMOSTRAS DA QUALIDADE DA CORTIÇA NO MATO

A CAMPANHA DE AMOSTRAGEM

Iniciámos a campanha de extracção de 2014 sem stock de cortiça por vender na produção e com a indústria numa situação de baixo aprovisionamento de matéria-prima rolhável, resultado da pequena dimensão das duas últimas campanhas de extracção, 2012 e 2013, e do retomar do desempenho do mercado dos produtos da cortiça. O mercado de aquisição de cortiças em 2015 iniciou-se com alguma dinâmica logo a partir de Janeiro, com a presença de diversos compradores no campo (industriais e intermediários), havendo já algumas cortiças vendidas.

O MERCADO

O valor de mercado das cortiças subiu ligeiramente em relação a 2013, em resultado da alteração da relação de preços entre as classes de qualidade do rolhável e à maior valorização dos refugos. Também se verificou maior facilidade de escoamento das cortiças com maior idade e/ou certificadas, uma vez que foram as mais procuradas pela indústria, tendo o inverso se passado com as cortiças de menor qualidade e/ou mais delgadas.

AMOSTRAGEM NA ÁRVORE

O ano de 2014 foi a 22ª campanha de amostragem de Cortiça no Campo da APFC e decorreu durante os meses de Maio e Junho, tendo sido realizadas 35 amostras de qualidade da cortiça no campo com 9 e 10 anos e 25 com amostragem antecipada (cortiças a extrair em 2015). O aumento da procura por parte dos produtores florestais pelas amostras antecipadas (usualmente com 8 anos para extrair com 9 anos), tem sido uma realidade com que a associação se tem deparado, uma vez que este serviço ao identificar os parâmetros que poderão valorizar ou desvalorizar essa mesma cortiça, permite no ano anterior ponderar a decisão de extracção da cortiça e até mesmo avaliar a possibilidade de adiar por 1 ano a extracção da mesma.

A quantidade de cortiça estimada amostrada durante esta campanha de extracção juntamente com a cortiça amostrada no ano anterior, para extrair em 2014, foi cerca de 493.000@.

ÁREA TOTAL AMOSTRADA	11.400 HA
ÁREA MÉDIA DA AMOSTRA	195HA
QUANTIDADE DE CORTIÇA ESTIMADA - EXTRAÇÃO 2014	493.000@
PROPRIEDADES AMOSTRADAS	56
AMOSTRAS REALIZADAS (EXTRACÇÃO 2014)	35
AMOSTRAS REALIZADAS (EXTRACÇÃO 2015)	25
PARCELAS PREVISTAS	941
PARCELAS AMOSTRADAS	746
SOBREIROS AMOSTRADOS	3.538
AMOSTRAS COMPARADAS ENTRE NOVÉNIOS	4

No universo das amostras realizadas da extração de 2014, a representatividade dos diferentes tipos de cortiça, segundo o seu destino industrial foi em termos médios para este ano, o seguinte:

CORTIÇA MÉDIA	%	VALOR DE MERCADO (€/KG)
CORTIÇA ROLHÁVEL	37	3,81
CORTIÇA DELGADA	24	1,89
CORTIÇA PARA GRANULAR (REFUGO)	29	0,70



PLATAFORMA DE TRANSACÇÃO DE CORTIÇA

Durante a 5ª Edição da Plataforma de Transacção de Cortiça APFC, estiveram expostas um total de 50 amostras de cortiça, que representam 368.900@ das quais 22 foram efetuadas no ano de 2013 relativas a cortiças a extrair em 2014 e 28 eram provenientes da campanha de extracção de 2014. Como é habitual após o encerramento da FICOR – Feira Internacional da Cortiça procedeu-se à transferência da Plataforma para o Observatório do Sobreiro e da Cortiça.

A associação durante a presente campanha de extracção também disponibilizou através do seu site a Plataforma Electrónica de Transacção de Cortiça – 2014, onde foi dada uma informação actualizada das transacções realizadas ou por realizar e respectivo preço médio de venda, consoante o concelho onde estão localizadas.

PLATAFORMA DE TRANSACÇÃO

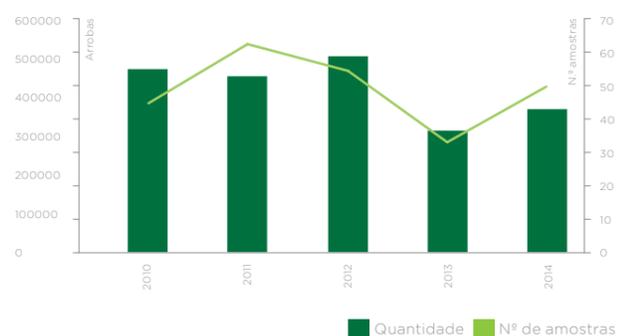
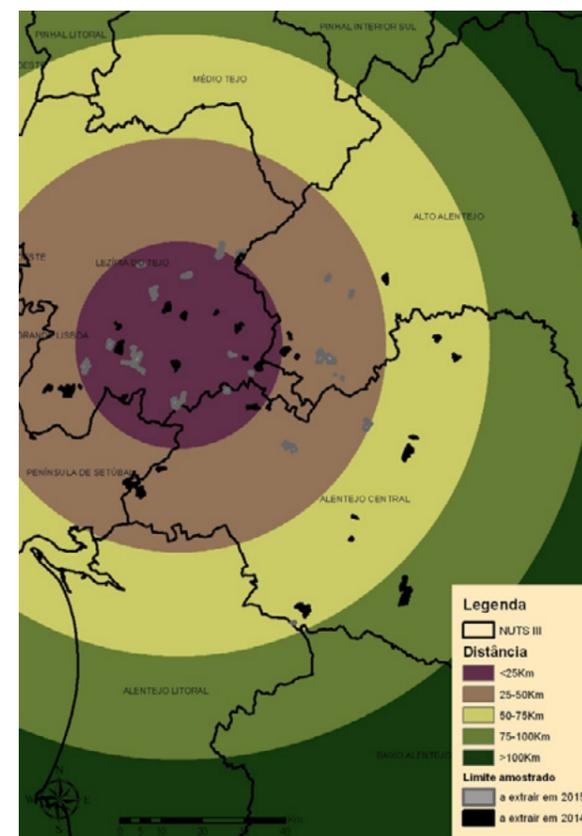


FIGURA 1
DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA ÁREA AMOSTRADA NA CAMPANHA DE 2014



INQUÉRITO AOS ASSOCIADOS

Com base no resultado do inquérito feito aos associados no final de Setembro, dos que tinham cortiça exposta na Plataforma de Transacção de Cortiça, verificou-se que foi extraído o total das arrobos previstas, das quais apenas 4.000@ ainda se encontram por vender.

O preço médio de venda foi de 28,77 €/@, com um valor máximo de 37,50 €/@ e um mínimo de 15€/@.

Dos 129 inquéritos realizados ao nível da UNAC – União da Floresta Mediterrânica, e que incluem as vendas de cortiça de outras organizações de produtores florestais filiadas, foram vendidas até ao final de Setembro do ano 2014, 1.131.253 @, provenientes de 27 concelhos. O preço médio de venda foi de 26,16€/@, com um valor máximo de 42,00€/@ e um mínimo de 15€/@, registando-se assim um aumento de 6,9% face a 2013. Verificou-se que 32,7% da cortiça foi vendida na classe de preços entre os 25 e 30 €/@ e 20% abaixo dos 25€/@.

O custo médio de extração foi de 4,10 €/@, com um máximo de 6€/@ e um mínimo de 3,30 €/@.

Conhecer a cortiça que se tem para vender é fundamental. Extrair a cortiça sem ter a sua venda garantida é um risco. MRT

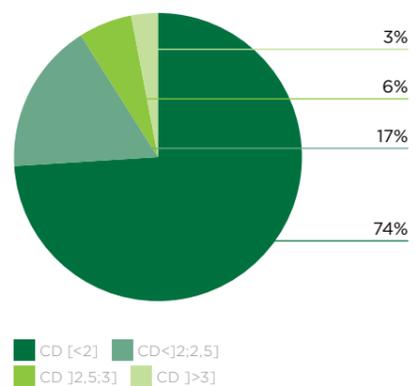
DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL E TEMPORAL

Na totalidade a amostragem incidiu sobre uma área total aproximada de 11.400ha (superior à campanha de 2013 com 8.000ha) onde as amostras antecipadas (com aplicação de modelo de crescimento a extrair em 2015) corresponderam a 36% da área total amostrada (figura). No total foram marcadas 1.695 parcelas de amostragem o que corresponde a uma média de 27 parcelas por amostra a que corresponde, em média a 195ha.

A distribuição espelha a concentração da amostragem dentro da área associada, no concelho de Coruche, sendo que algumas das amostras se dispersam por uma distância superior a 100Km.

À semelhança de outros anos a amostragem da cortiça trouxe novos sócios à associação em áreas fora do concelho de Coruche.

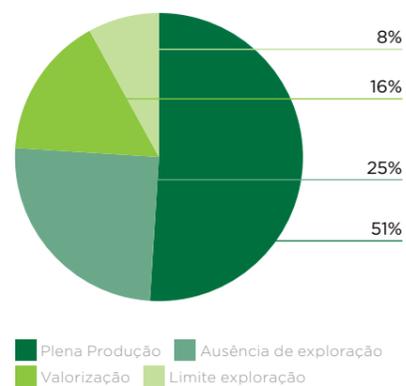
FIGURA 2
COEFICIENTE DE DESCORTIÇAMENTO
- AMOSTRAS CAMPANHA 2014



A avaliação dendrométrica levada a cabo em cada parcela de amostragem permite aferir as alturas de descortiçamento, que condicionam o calibre bem como ponderar opções relativas à perpetuidade do povoamento nas condições atuais.

Os dados obtidos na campanha de amostragem de 2014, em relação ao Coeficiente de Descortiçamento (Figura 2), a maioria das árvores (74%) se encontra explorada muito abaixo dos limites legais (CD < 2). Apenas 3% dos sobreiros amostrados apresentam um coeficiente de descortiçamento acima do legal (CD > 3), não sendo esta uma percentagem significativa e indicadora de má gestão do montado ou responsável pela diminuição da espessura da cortiça extraída, aliás semelhante à campanha anterior.

FIGURA 3
DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA
AMOSTRAS CAMPANHA 2014



A distribuição etária dos sobreiros amostrados pelas diferentes classes de idade (Figura 3), traduz um cenário muito semelhante a 2013 com povoamentos onde dominam as árvores em plena produção (51%) e com número de árvores suficientes em fase de valorização e ausência de exploração (sobreiros virgens).

Para manter a produtividade atual será necessário garantir os povoamentos nas condições atuais, monitorizando e promovendo a regeneração de novas plantas de forma natural ou artificial.

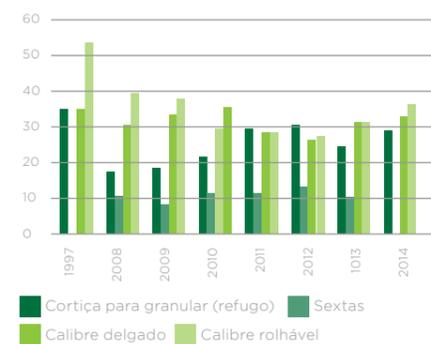
Os dados aqui apresentados espelham a distribuição etária de diversos povoamentos, sob gestão florestal diversificada encontrando-se em fase de plena produção, uma vez que são relativos às folhas de extração de 2014. Todos os dados apresentados resultam do serviço de amostragem prestado aos associados.

ANÁLISE TEMPORAL

QUALIDADE E CALIBRE

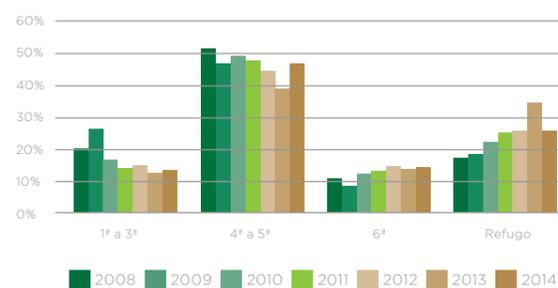
Quando analisamos os dados compilados desde 2008 (figura 5), relativamente à qualidade da cortiça, podemos observar uma tendência de decréscimo da quantidade de cortiça rolhável e um aumento da cortiça delgada até 2012. Esta tendência começa a inverter-se nos anos 2013 e 2014 com uma recuperação dos valores do rolhável e a diminuição da cortiça delgada.

FIGURA 5
EVOLUÇÃO DO CALIBRE (1997-2014)



Em termos de qualidade verifica-se o aumento da percentagem de sextas e refugos em detrimento de cortiças classificadas de 1ª a 3ª e na classe 4ª a 5ª, embora em 2014 se verifique uma inversão desta tendência. Contudo, devemos ter em consideração que nesta análise a comparação foi realizada em folhas de extração diversas em cada ano, com base nos dados da totalidade das amostras anuais realizadas na APFC.

FIGURA 6
EVOLUÇÃO DO CALIBRE (2008-2014)



ANÁLISE DOS PRINCIPAIS DEFEITOS

Seguindo a tendência de anos anteriores, as calas amostradas na campanha de 2014 mantêm a dominância da cobrilha (39%) como a praga mais desvalorizadora, seguindo-se as cortiças barrentas ou com prego.

FIGURA 7
DISTRIBUIÇÃO DOS DEFEITOS DESVALORIZADORES
AMOSTRAS CAMPANHA 2014

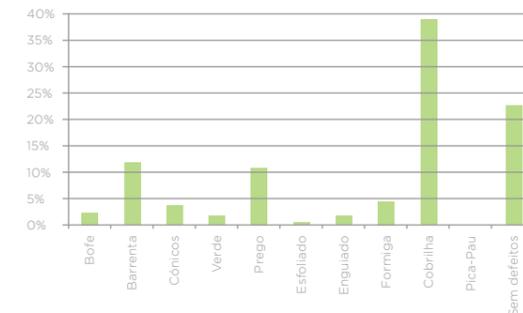
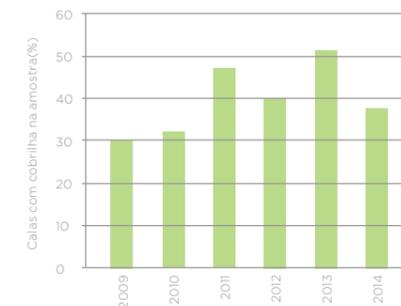


FIGURA 8
EVOLUÇÃO DA INTENSIDADE DE COBRILHA
NAS AMOSTRAS DA APFC (2009-2014)



Os dados compilados disponíveis revelam a tendência do aumento da intensidade desta praga desvalorizadora (Figura 8), devendo no entanto levar em consideração que se estão a comparar amostragens realizadas em locais diferentes em cada ano, o que não permite concluir em definitivo desse aumento mas sim considerar a existência de uma tendência. Existem já na APFC alguns dados relativos a um ou mais novénios anteriores numa mesma folha de extração, que poderão validar esta tendência, tanto em relação à cobrilha como à variação de calibre entre novénios. TMA e MRT

APFCertifica

ASSEMBLEIA GERAL FSC

Realizou-se na semana de 7 a 14 de Setembro de 2014, em Sevilha, a Assembleia Geral do FSC, numa edição comemorativa dos 20 anos da organização.

Tendo em conta os elevados custos da participação, foram poucos os representantes portugueses neste importante fórum de discussão.

Com o objetivo de acompanhar o decorrer dos trabalhos em Sevilha, e de promover um debate sobre a implementação da certificação, após quase dois anos de entrada em vigor da Norma Portuguesa (desde 1 de Janeiro de 2013), a Sativa e a Ambiodiv, organizaram o 1º Encontro Técnico de Certificação Florestal.

Neste encontro, estiveram maioritariamente presentes técnicos responsáveis pela implementação da Norma FSC em Portugal como auditores, entidades gestoras de grupos e consultores. Os participantes tiveram a oportunidade de assistir à transmissão em direto (Live Feed) a uma das sessões do evento, ao que se seguiu uma sessão de debate

e troca de experiências.

Foi unânime entre todos os presentes, a dificuldade de implementação da Norma, tanto pela sua exigência como pela falta de aplicabilidade de alguns indicadores à realidade da floresta portuguesa.

Como conclusão da reunião, as entidades organizadoras propuseram que fosse redigido um memorando de entendimento entre os presentes, com o objetivo de o levar a discussão às próximas reuniões de revisão da Norma Nacional promovidas pela Associação para uma Gestão Florestal Responsável que representa o FSC em Portugal. O objetivo é conseguir a aprovação de uma Norma Nacional mais simples e mais adaptada à nossa realidade, à semelhança do que já acontece com a Norma Espanhola.

O documento completo com as conclusões da comitiva portuguesa presente na Assembleia Geral do FSC pode ser consultado no site da APFC (www.apfc.pt) em Áreas de Trabalho / Certificação Florestal.



A SILVICULTURA MAIS PRÓXIMA DA NATUREZA

INTRODUÇÃO

Tanto a gestão da floresta como os conceitos de silvicultura estão a ser condicionados pelo antagonismo entre a ecologia, devido às novas necessidades da sociedade; e a economia, pela dificuldade de rentabilidade. É neste contexto que se pede à silvicultura mais naturalização, manutenção da biodiversidade e irregularidade dos povoamentos, mantendo ao mesmo tempo as funções anteriores de forma sustentável sem perdas económicas para os produtores florestais.

Este paradigma levou a um renovado interesse nos dois modelos de silvigenese (definida como a evolução da floresta ao longo do ciclo de produção); o alto fuste regular e o alto fuste irregular. O primeiro caracteriza-se por uma marcada alternância de gerações e uma educação de coletivos, ou seja as árvores de um povoamento são aproximadamente da mesma idade e são educadas e conduzidas como um grupo e, terminado o ciclo de produção, são removidas e dá-se origem, por regeneração, natural ou artificial, e recrutamento a um novo povoamento. O segundo caracteriza-se por uma continuidade de gerações e a educação de árvores individuais, isto é as árvores de um povoamento são constituídas por dois ou mais grupos de idades diferentes e a condução é feita árvore a árvore. A regeneração, preferencialmente natural, e o recrutamento ocorrem em intervalos de tempo mais ou menos curtos (por exemplo 5, 10, 20, 40 anos) ao longo do ciclo de produção, por isso não há uma marcada diferença de gerações. De facto nos povoamentos irregulares quando um coorte (definido como um grupo de árvores que se regenerou após uma única perturbação) atinge o termo de explorabilidade os coortes mais jovens permitem que a estrutura e a produção do povoamento se mantenham aproximadamente constantes ao longo do tempo, tendo ainda vantagem de garantir melhor as funções de proteção e conservação.

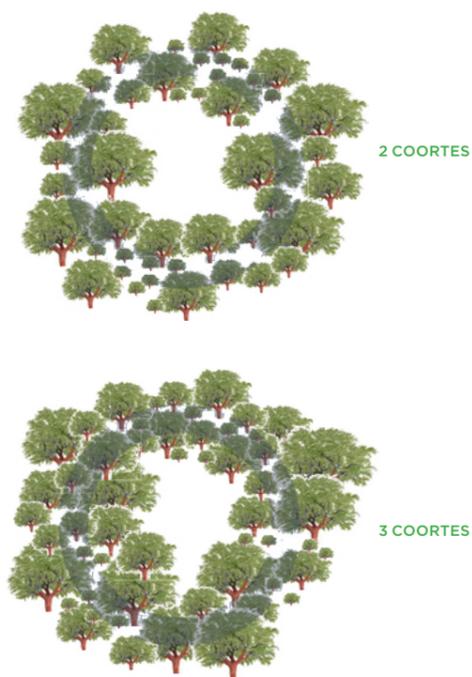
Na bibliografia são encontradas muitas referências relativamente à silvicultura multifuncional, aqui entendida no sentido amplo de associar as funções de produção, proteção, conservação e recreio, assim com um conjunto vasto de terminologia. Embora não se encontre uma definição comum, todas as correntes vão no sentido de povoamentos irregulares, mistos, com espécies adaptadas às estações, cortes sucessivos ou salteados e a manutenção de um coberto contínuo.

ADAPTAÇÃO DOS PRINCÍPIOS E CRITÉRIOS PARA OS POVOAMENTOS DE SOBREIRO

Na adaptação dos princípios e critérios da silvicultura próxima da natureza a povoamentos florestais de sobreiro em Portugal, assumiram-se os seguintes pressupostos:

A. a otimização da produção de cortiça no tempo, salvaguardada pela existência periódica de regeneração natural; B. a proteção e conservação do ecossistema florestal e a orientação da gestão em seis princípios:

1. adaptação do povoamento à estação, de forma a respeitar os processos ecológicos e as suas variações, ao invés de impor uma uniformidade artificial, obtendo um elevado grau de estabilidade e flexibilidade dentro do ecossistema;
2. perpetuidade do povoamento e das produções, em que o andar superior do copado é essencial para influenciar a quantidade de luz que nele penetra, limitando a vegetação do solo, acionando a regeneração e controlando o seu desenvolvimento;
3. contribuição para a biodiversidade, conservação dos habitats no ecossistema florestal, pela diferenciação estrutural, que contribuem para a manutenção dos elevados níveis de biodiversidade;



De entre a terminologia encontrada na bibliografia optou-se por usar o termo silvicultura próxima da natureza, que parece ser o mais consensual, embora o termo floresta de coberto contínuo também pudesse ser usado. As correntes da silvicultura próxima da natureza surgiram no final do século XIX, da necessidade de desenvolver formações florestais (povoamentos e florestas) sustentáveis do ponto de vista da produção, proteção e conservação. Teve por objetivo minimizar os efeitos potencialmente negativos da exploração de madeira, que ocorriam especialmente nos povoamentos regulares em que áreas extensas eram cortadas. O desafio de adaptar silvicultura próxima da natureza, desenvolvida para povoamentos cuja produção principal é a madeira, para povoamentos cuja principal produção é a casca, é avaliar as necessidades de alteração dos pressupostos e das consequências de uma gestão de povoamentos irregulares em duas vertentes principais o coberto arbóreo e a produção de cortiça.

4. racionalização biológica ou automação natural, através da auto-regulação e da auto-regeneração, conciliando a ecologia com a economia;
5. adoção de uma abordagem holística, multifuncional e integrada, que promova a gestão de todo o ecossistema florestal como “capital produtivo”;
6. rejuvenescimento por regeneração natural, embora também se possa considerar a artificial.

No quadro 1 apresentam-se as diferenças entre os povoamentos de estrutura regular e os povoamentos irregulares associados à silvicultura próxima da natureza. De destacar nos segundos a continuidade dos ciclos de cultivo, sem interrupção da produção, havendo, por isso, ao longo do tempo extração de cortiça virgem, segundeira e amadia; e a manutenção do coberto. No entanto, requer maior especialização técnica e que a regeneração e recrutamento dos indivíduos de cada coorte ocorra periodicamente.



QUADRO 1
COMPARAÇÃO DE ATRIBUTOS DA SILVICULTURA PRÓXIMA DA NATUREZA E DA ESTRUTURA REGULAR.

ATRIBUTOS	SILVICULTURA E GESTÃO	
	ESTRUTURA REGULAR	PRÓXIMA-DA-NATUREZA
COORTES	1	2 A 4
CICLO DE CULTIVO	Revolução	Não definido
REGENERAÇÃO	Artificial	Natural e artificial
CORTES	Rasos	Successivos / salteados
CONTROLO	Diâmetro de corte	Automação biológica
PRODUÇÃO	Com interrupções	Contínua
EXTRAÇÃO DA CORTIÇA	Separação temporal do tipo de cortiça extraída, na fase jovem cortiça virgem ou segundeira, na fase adulta, cortiça amadia	Sem separação temporal do tipo de cortiça extraída, em todas as fases se extrai cortiça virgem, segundeira e amadia
ESPECIALIZAÇÃO TÉCNICA	Baixa	Elevada
RISCOS ECONÓMICOS	Alto	Baixo
ESTABILIDADE	Baixa	Alta
FLEXIBILIDADE	Limitada	Ampla
BIODIVERSIDADE	Florestas simplificadas	Florestas complexas e diversas

CASOS DE ESTUDO

Para avaliar o efeito da alteração de parcelas de estrutura irregular para uma irregular em “equilíbrio”, selecionaram-se, duas parcelas de estrutura (1000 m²), parcela 3 e 61, localizadas no concelho de Coruche. Estas parcelas apresentam uma estrutura irregular com poucos indivíduos nas classes de diâmetro inferiores, ou seja não apresentam um número de indivíduos jovens que permita a manutenção desta estrutura à perpetuidade. Nos casos de estudo foram usadas densidades de regeneração menores que nos modelos de silvicultura anteriores, com o objetivo de favorecer a conversão de estrutura quando exista pouca regeneração natural disponível ou quando se proceda à regeneração artificial, reduzindo ainda os custos pela eliminação das operações de desbaste.

Consideraram-se duas opções de gestão silvícola em ambas as parcelas, a manutenção do número de coortes; e a conversão estrutural para 2coortes, na parcela 61, e para 3 coortes, na parcela 3. Durante o período de conversão os valores de produção são semelhantes ao do povoamento teórico regular, não sendo de temer reduções consideráveis na produção de cortiça. Quando se atinge o equilíbrio, com a manutenção do número de coortes espera-se um aumento de produção de 9% na parcela 3 (2 coortes) e 30% na parcela 61 (3 coortes). Com a alteração do número de coortes os resultados da simulação indicam a manutenção da produção com o aumento de um coorte (de 2 para 3 coortes) e a redução inicial da produção com a eliminação de um coorte (de 3 para 2 coortes).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto pode então dizer-se que a silvicultura próxima da natureza pode ser implementada em povoamentos de sobreiro em regime silvopastoril, de preferência nos que já tenham mais de um coorte, sem que se esperem perdas consideráveis de produção de cortiça, tendo a vantagem de originar produção de cortiça e grau de coberto contínuos. No entanto, uma análise SWOT permite identificar as principais potencialidades (oportunidades vs pontos fortes) e vulnerabilidades (ameaças vs pontos fracos).

POTENCIALIDADES:

- Níveis de produção tendencialmente constantes, que beneficiam do incentivo à regeneração natural e à criação de condições de coberto contínuo.
- Produção de cortiça associada à proteção e conservação do ecossistema florestal.
- Redução de custos operacionais, com a utilização de regeneração natural e da “automação natural”.
- Gestão florestal sustentável, ecológica, económica e socialmente viável.

VULNERABILIDADES:

- Exigência de formação especializada, para a aplicação de práticas de gestão (regeneração, desbaste e corte) e competências relacionadas com estruturas irregulares.
- Necessidade de moderar as restrições legalmente estabelecidas para o sobreiro.
- Implementação de medidas de apoio financeiro que favoreçam intervenções mais próximas da natureza.

Joana Namora*, Ana Cristina Gonçalves**

* Eng. Biofísica, Mestre em Engenharia Florestal: Sistemas Mediterrânicos
** Prof. Auxiliar c/ Agregação, Departamento de Engenharia Rural, Escola de Ciências e Tecnologia, Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas, Universidade de Évora.

PREÇOS DE PRODUTOS FLORESTAIS

CORTIÇA	TIPO	PREÇO	BARÓMETRO
PREÇOS À PORTA DA FÁBRICA (FARDOS)	ROLHÁVEL	3,81€/KG	MERCADO EM ALTA, COM COMPRAS DE CORTIÇA A INICIAREM-SE A PARTIR DE MARÇO
	DELGADA	1,89€/KG	
	REFUGO	0,70€/KG	

PRÉMIO À CORTIÇA CERTIFICADA + 0,50€/@

PINHA	PREÇO	BARÓMETRO
PINHA COLHIDA	0,65 - 0,70€/KG	PREÇOS DA CAMPANHA DE 2014/15, QUE SE CARACTERIZOU POR UMA REDUZIDA PRODUÇÃO, MAS JÁ SUPERIOR À QUE VERIFICOU EM 2013/14. DISTRIBUIÇÃO HETEROGÉNEA DA PRODUÇÃO A NÍVEL REGIONAL.

MADEIRA DE EUCALIPTO	PREÇO	PREÇO	BARÓMETRO
EM PÉ	30-32€/M ³	27-29€/TON	MANTÉM-SE ELEVADA A PROCURA PARA A MADEIRA CERTIFICADA. INTERESSE INDUSTRIAL NO AUMENTO DA PRODUTIVIDADE DOS EUCALIPTAIS NACIONAIS, PARA COMBATER FALTA DE MATÉRIA-PRIMA.
À PORTA DA FÁBRICA (SETÚBAL) COM CASCA	45€/M ³	41€/TON	

PRÉMIO À MADEIRA DE EUCALIPTO CERTIFICADA + 4,00€/M³

MADEIRA DE PINHEIRO BRAVO	PREÇO NA FÁBRICA	PREÇO EM PÉ	BARÓMETRO
FAXINA (DIÂMETRO 4 A 14 CM)	32€/TON	14-17€/TON	PREÇO DA MADEIRA DE SERRAÇÃO EM ALTA. ESTABILIZAÇÃO DO MERCADO DA BIOMASSA. INTERESSE POR MADEIRAS CERTIFICADAS.
ROLARIA (DIÂMETRO >14 CM)	53€/TON	35-37€/TON	
POSTES PARA TRATAR (>5M)	75-80€/TON	55-60€/TON	
VARAS PARA TRATAR (>5M)	75€/TON	35-40€/TON	

PRÉMIO À FAXINA DE PINHEIRO BRAVO CERTIFICADA +4€/M³

LENHAS	PREÇO	
SOBREIRO	EM PÉ	25€/TON
	EM ESTALEIRO	45€/TON
PINHEIRO MANSO	EM PARQUE	25-27€/TON
	EM PÉ / NO CAMPO	10-12€/TON
BIOMASSA (Bicadas)	EM PILHA	7-10€/TON
	NA FÁBRICA	27€/TON